

LF
923.281
C672V
SNI

LUIZ VIANA FILHO

SENADOR
NILO COELHO

BRASÍLIA — 1983

LUIZ VIANA FILHO

SENADOR NILO COELHO

**Discurso proferido no Senado Federal
em 18 de novembro de 1983.**

BRASÍLIA -- 1983

Sr. Presidente, Srs. Senadores:

O Senado perdoará antecipar-me às homenagens que serão prestadas ao inolvidável Presidente Nilo Coelho.

Desejei, porém, ser apenas a palavra do amigo que o conheceu há décadas, e hoje sofre o prematuro e inesperado desaparecimento do companheiro de jornada.

Quem outrora descia o São Francisco, vencidas as corredeiras sobre as quais se levantou a barragem de Sobradinho, deparava, na margem direita, a antiga passagem dos bandeirantes, a cidade de Juazeiro, chão da minha gente. Defronte, na outra margem, estava a pequena Petrolina, extrema do Estado de Pernambuco, e onde despontava o domínio dos Coelhos. Aí, em 1920, nasceu Nilo Coelho, filho do Cel. Clementino de Souza Coelho, o velho Quelé, como todos nós o conhecíamos e tratávamos, e de D. Josefa Coelho, uma dessas admiráveis e extraordinárias mulheres, cuja forte personalidade se sobreporia aos infortúnios do destino, certa de que dela, da inquebrantabilidade do seu ânimo, pendia a sorte da sua numerosa prole. Hoje, nonagenária, sofre como sofrem as mães que vêem os filhos partirem. Acredito, porém, que a fé, a fé em que sempre viveu, lhe dará ânimo para suportar o terrível golpe, que acaba de ferir. Quantas e quantas vezes não lhe beijei as mãos com que me acolhia naquela casa tão sertaneja, tão amiga — simples, mais voltada para dentro do que para a rua, e na qual o luxo estava sobretudo na mesa farta, e no coração aberto para os amigos, e do qual brotavam palavras de afeto para quantos lhe iam prestar o respeitoso tributo de reconhecida homenagem.

Daí partiu Nilo Coelho para o extraordinário périplo de uma grande e bela vida. Uma odisséia que não sendo marcada pela astúcia do viajante, teve sempre presente o desejo da volta àquele porto seguro e acolhedor donde partira.

Não faz muito que o ouvimos afirmar, com o panache de um revolucionário de 1817 ou 1824, entre aplausos de correligionários

e adversários, não ser ele o Presidente do Congresso do PDS, mas o Presidente do Congresso do Brasil. Era como se, volvido um século, vissemos levantar-se o bravo Silveira Martins, para exclamar que não desejava ser Ministro da Coroa, mas Ministro da Nação. Nilo Coelho seria sempre assim. O Poder para ele era um encargo ao qual não se deve sacrificar a menor parcela de dignidade. De Euclides da Cunha escreveu Franklin de Oliveira somente haver encontrado uma palavra para resumir-lhe a personalidade: coragem. De Nilo Coelho eu direi que nenhuma palavra o resume melhor do que esta — bravura. A bravura que está acima da coragem.

Para os que não lhe acompanharam a vida, ter-se ele, antes e acima de tudo, como Presidente do Congresso, talvez soasse como uma frase, arroubo de oratória, que logo desaparece. Na verdade, porém, era a síntese perfeita, a lenda intocável de uma existência inteira marcada pela bravura, pela dignidade de autêntico representante de Pernambuco, legítimo descendente daqueles leões da Câmara do Império e a quem, valendo-me de uma imagem de João Neves, direi que os prados do Poder não transformaram em cordeiro. Transigir com as conveniências não era o seu forte. O seu clima era o da claridade do sol nordestino sob o qual viu a luz — o seu caminho era largo e franco como as águas do rio em que se banhou na juventude.

Durante mais de duas décadas acompanhei-lhe os passos através da difícil e perigosa jornada da vida pública. Não pretendo fazer-lhe o elogio, pois este está no testemunho da verdade, que lhe marcará para a posteridade o altivo perfil, que recordo com a emoção de quem conserva a ilusão de ainda o ver presidindo os nossos trabalhos com aquele traço de correção, de dignidade, de cordialidade, inerente à sua maneira de ser e de conviver.

Ao dizer que a bravura era a sua lenda, recordava-me eu de um dos primeiros fatos da sua carreira política, iniciada após a queda do Estado Novo. Como sabido, áspera luta eleitoral se travou então entre as candidaturas de Barbosa Lima e Neto Campelo, ostensivamente apoiado pelo Presidente Dutra. Era uma época de riscos e definições. Representante do velho Quelé e da política de Petrolina, Nilo Coelho foi chamado ao Recife pelo Senador Novais Filho, detentor do pensamento de Dutra, e a quem perguntou em que Partido ficariam. "Menino — respondeu o Senador ao jovem emissário —

diga ao Quelé que tabaréu não tem partido". Por certo ignorava o estofa de que era feita a alma, o caráter do filho do Coronel Quelé. A resposta veio ao pé da letra: "Temos, Senador, o nosso Partido é o PDS". Não houve mais conversa.

Assim seria sempre Nilo Coelho. Do sertão viria ele para as amenidades do litoral. E aí, como se o destino quisesse completar-lhe a vida, encontrou ele Maria Teresa. Juntos, unidos como fossem apenas um ser, um pensamento, e uma vontade, construíram o lar exemplar, hoje marcado pela dor, mas que viverá na admiração, no reconhecimento, e na saudade de quantos lhe conheceram o calor humano, a fidalguia, a largueza que se diria a continuidade do que houvera de mais nobre nos fastos da vida social de Pernambuco. Nenhuma afetação, nenhum artifício, pois naquele lar perfeito tudo tinha a beleza do que é espontâneo, natural, e brota do fundo das almas. O homem de Estado corria parilha com o homem de sociedade.

Governei a Bahia ao tempo em que dirigia Nilo Coelho os destinos de Pernambuco. Não foi período fácil para os governadores civis com os quais o Presidente Castello Branco evitara mergulhasse o País no militarismo, renovando-se a época das "salvações" do governo Hermes. Herdávamos ressentimentos, responsáveis imaginários por algumas dolorosas frustrações. Não falarei de mim. Tenho, porém, nítida lembrança da firmeza, da bravura com que o Governador Nilo Coelho opondo-se a todas as tentativas destinadas a esmagar a autonomia de Pernambuco, manteve as nobres tradições do seu Estado. Depois, tudo passou, as águas tornaram ao leito natural, e Nilo Coelho realizou um grande governo de importantes realizações. Mas, tão importante quanto o que construiu foi o que evitou. Vale, pois, lembrar que não fosse a maneira por que preservou o Poder Civil, e outros rumos teriam maculado a política de Pernambuco. Ciosos do seu passado, da sua história, os pernambucanos podem e devem ser reconhecidos ao Governador Nilo Coelho. Ele era da linhagem dos Rosa e Silva, dos José Bezerra, dos Borbas, dos Lima Cavalcanti, dos Agamenon.

Nesse breve testemunho do amigo e do companheiro, cabe-me destacar que, embora acalentasse justas e naturais aspirações inerentes à vida pública, sempre pronto a se bater pelos amigos, por Pernambuco, ou pelo Nordeste, Nilo Coelho não padecia as angústias

da ambição. A política, os postos por ela propiciados, eram antes de tudo, instrumentos para melhor servir aos que nele confiaram. Lembra-me de que quando lhe falei na hipótese de ser o Líder do Governo no Senado, logo a descartou, tendo viajado para os Estados Unidos, onde ficaria a salvo da insistência dos que almejavam aceitasse o honroso encargo, e tal como fizera ao ser cogitado para o governo de Estado. Demoveu-o longa e reiterada correspondência de amigos, que lhe transmitiam o desejo do governo. Mais tarde também não correria apressado atrás da Presidência do Senado, reservando-se antes ao direito de pesar as circunstâncias, e avaliar se melhor poderia ajudar o País. Repugnavam-lhe as viélas da política a que muitos são levados pela ambição imoderada: ele preferia colher os frutos naturalmente amadurecidos pelo tempo.

O tempo que ele consumiu nesse fecundo périplo iniciado no pequeno torrão natal, que ele tanto transformaria, mudando-lhe fundamente a fisionomia econômica e social. Na verdade há duas Petrolinas — uma antes e outra depois de Nilo Coelho. Nada é mais universal do que o local. E Petrolina — estivesse ele onde estivesse — era o seu mundo, o mundo que ele amava, a paixão do homem público, a terra onde se alimentavam as suas raízes, renovando-lhe a seiva para todas as lutas. E foi esse amor ao sofrido torrão que lhe serviu de berço, que lhe deu estímulo e forças para fazer dele o bravo servidor do Brasil. Compreendendo e ajudando o Nordeste, em cuja paisagem humana ele se tornara um desses pináculos em cujos cimos os viandantes divisam o rumo e a esperança, ele terá realizado algumas das aspirações do menino criado às margens do São Francisco, cujas maretas lhe embalam o sono derradeiro.

Estou certo de não haverem sido em vão as lutas de Nilo Coelho, por vezes enfrentando, sempre com destemor, injustiças e incompreensões. São os espinhos da política, e ele os suportou estoicamente como se necessários para concluir o glorioso périplo até voltar, abençoado pelas lágrimas do povo, do povo humilde e simples do sertão, para dormir o sono derradeiro às margens do rio que tanto amou. Consola a nossa imensa tristeza a convicção de que ele continuará a viver na saudade e no reconhecimento dos amigos e companheiros. Ele viverá na obra realizada. E com emoção, repito o belo e triste final de *Iracema* — nem tudo passa sobre a terra.